

MICROSCÓPIO

De Cuba, a rica ilha do mar das Antilhas, vem-nos uma formosa lição de civismo. Teve aquela nação quase o mesmo fadário dos demais países latino-americanos: revoluções, golpes de estado, ditaduras, além da ocupação estrangeira. A última revolução foi chefiada por um sargento, Fulgêncio Batista, que se fez elevar à presidência. Estando agora a expirar o seu mandato, ele não procurou dilações, não inventou subterfúgios, não invocou sequer a guerra: mandou simplesmente proceder às eleições.

E isto, que já seria muito nestas falsas democracias corroidas pelo caudilhismo, não foi tudo. Fulgêncio Batista convocou a nação às urnas, não pleiteou a reeleição e correu tudo com perfeita regularidade. A melhor prova, a prova real da lisura do pleito é que o partido oficial foi vencido e reconheceu imediatamente a sua derrota.

Separados, como estamos, da nação cubana por vários milhares de quilômetros e, mais, pelo geral desconhecimento do que em torno de nós sucede, ignoro que deve ela ao governo de Fulgêncio Batista. Mas, por muito que lhe ela deva, nada poderá igualar o serviço que o presidente prestou ao seu país, dando-lhe eleições verdadeiramente livres e deixando-se derrotar nelas. É uma grande e luminosa lição, lição que mais tarde poderá ser esquecida e desprezada, mas nem por isso deixará de ser luminosa e grande. É radiosa e pura é a glória de que se coroa o antigo sargento, embora não seja das que tantam os políticos ordinários, que só conhecem a paixão do poder pelo poder.

RAUL PILLA